

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v20i38.23900>O CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ DO DESERTO NA LITERATURA DE
CORDEL: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto In Cordel Literature: notes and reflections

Hioga Fernanda Duarte Rocha Santos

Doutoranda em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade de Brasília

E-mail: dranandaduarte@yahoo.com <https://orcid.org/0000-0001-7370-8526>**Palavras-Chave:** Caldeirão.
Cordel. Literatura. Jornalismo.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a representação do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto nos cordéis, analisando como essa produção contribui para a história e a memória que se consolidam ao longo do tempo. Destruído em 1936 por forças policiais do Estado do Ceará, o Caldeirão configurou-se como um importante lugar de resistência camponesa no Brasil, formado por migrantes de diversos estados (Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Bahia e Rio Grande do Norte). A pesquisa aborda o cordel como um jornalismo em verso, reconhecendo sua importância narrativa para a compreensão de diversos acontecimentos da História do Brasil. O suporte teórico baseia-se em autores como Chaim Perelman, no que tange aos estudos de linguagem e retórica e Stuart Hall para o estudo de representação. Para tanto, foram analisados como fontes os cordéis dos poetas Abraão Batista, Geraldo Amâncio e Medeiros Braga. O estudo é introduzido com uma breve passagem de um cordel do poeta Patativa do Assaré.

Keywords: Caldeirão, Cordel.
Literature. Journalism.

Abstract: The present study aims to reflect on the representation of the Caldeirão da Santa Cruz do Deserto in *cordéis* (popular pamphlet literature) contributes to the history and memory that consolidate over time. Destroyed in 1936 by police forces from the State of Ceará, the Caldeirão was established as an important site of peasant resistance in Brazil, formed by migrants from several states (Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Piauí, Bahia, and Rio Grande do Norte). The research approaches the *cordel* as journalism in verse, recognizing its narrative importance for the understanding of various events in Brazilian History. The theoretical framework is based on authors such as Stuart Hall and Chaim Perelman, regarding studies of language and rhetoric. For this purpose, the *cordéis* by the poets Abraão Batista, Geraldo Amancio, and Medeiros Braga were analyzed as primary sources. The study is introduced with a brief excerpt from a *cordel* by the poet Patativa do Assaré.

Processamento textual:
Recebido em 2025-10-15
Revisado em 2026-06-06
Aprovado em 2026-07-13



Introdução

Sempre digo, jugo e penso
Que o beato Zé lourenço
Foi um líder brasileiro
Que fez os mesmos estudos
Do grande herói de Canudos
Nosso Antônio Conselheiro.

Tiveram o mesmo sonho
De um horizonte risonho
Dentro da mesma intenção,
Criando um sistema novo
Da maldita escravidão.
(Patativa do Assaré)

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (1926-1936) não passou despercebido pelo olhar atento do poeta Patativa do Assaré¹. Sendo natural do Cariri cearense, ele foi um dos muitos poetas que escreveram sobre o Sítio do Beato José Lourenço² (1872-1946). Como se pode observar na epígrafe, o poeta coloca José Lourenço no rol dos líderes brasileiros, comparando-o a Antônio Conselheiro, líder de Belo Monte³ (Canudos).

Acredita-se que o “estudo” a que Patativa se refere é a prática da resistência camponesa. O poeta enfatiza que o sonho de um “horizonte risonho” se tornou realidade, libertando as pessoas da “maldita escravidão”. De fato, o Caldeirão foi um espaço que com base no campesinato, prosperou. Foi um local onde os camponeses puderam se livrar das agruras causadas pelas secas e pela lógica do capitalismo, vivendo de forma coletiva e digna.

Desse modo, o estudo dos cordéis vem como uma contranarrativa, ao passo que na imprensa hegemônica da época os principais jornais do estado tinham o mesmo alinhamento de discurso sobre o sítio, todos pejorativos e destoantes do que falaram e falam os cordelistas.

Como aporte teórico para o estudo da narrativa, trabalhos de Chaim Perelman dão suporte. Conforme suas reflexões, ao estudar as narrativas deve-se levar em consideração que quem

-
- 1 Agricultor autodidata, que nasceu e viveu na cidade de Assaré, no Ceará. Seus versos e sua poesia tem reconhecimento nacional, sendo ele um homem que fala sobre sertão, sobre as desigualdades sociais.
 - 2 José Lourenço era de Pilões de Dentro, cidade na Paraíba, um migrante negro e camponês que trabalhava em lugares por temporada e que ao ir para Juazeiro do Norte se tornou beato e teve dois sítios, tendo sido o Caldeirão de tanto exemplo que é amplamente estudado até a atualidade e tido por muitos camponeses como legado.
 - 3 Canudos era um sítio camponês situado na Bahia entre fins do século XIX, e que tidos pela monarquia como lugar de perigo e monarquia, foi duramente violentando, tendo sido várias as batalhas até a completa destruição do arrail de Canudos, em Belo Monte.

escreve sabe para está escrevendo. O autor/cordelistas/jornalista leva em consideração que existem valores sociais. Conforme Chaim Perelman (2002, pp. 84-5) “os valores intervêm, num dado momento, em todas as argumentações. Nos raciocínios de ordem científica, eles são geralmente restringidos à ordem da formação dos conceitos e das regras que constituem o sistema em questão e ao termo do raciocínio, na medida em que este visa ao valor da verdade”.

Os cordéis estudados e analisados são de autores como poeta Abraão Batista, com o título “História do beato José Lourenço e do boi Mansinho”, “O terrível massacre do Caldeirão do beato Zé Lourenço”, do poeta Geraldo Amancio, “A fantástica história de Caldeirão”, do poeta Medeiros Braga e cordel um cordel do poeta Patativa do Assaré.

Um outro autor utilizado como aporte teórico para este trabalho é o historiador Stuart Hall, para ele (2016, p. 32) “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”. Para que as pessoas compreendam umas outras é inerente que partilhem dos mesmos códigos, nós somos ensinados a nos relacionar a partir deles.

Aparece aqui ainda a análise de duas matérias de jornal e uma carta escrita por prefeitos das cidades do Cariri cearense que contribuem para uma melhor compreensão em relação a como o Caldeirão foi tendo as narrativas disputadas e consolidadas ao longo das décadas. Já em relação aos caminhos metodológicos, penso como Marília Cecília Minayo (2000, p. 16) “a metodologia é caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”.

Foi nesse movimento que começaram buscas a sites que muito contribuíram, como o Fundação Casa de Rui Barbosa. No caso do poeta Abraão Batista, o cordel foi conseguido direto de suas mãos. Já os jornais foram conseguidos através da hemeroteca digital e a carta foi na Fundação Padre Cícero, em Juazeiro do Norte.

Já em relação a lacuna de pesquisa, repousa mais em relação ao cordel escrito pelo poeta José Bernardo da Silva, não foi conseguido de forma direta, os versos a que essa pesquisa teve acesso foi através de trabalhos que o citam. O que prevalece na sua narrativa é de um Caldeirão bom e prospero e poeta que escreveu no tempo em que o sítio existia.

Desse modo, essa pesquisa percebe que os poetas populares utilizaram o cordel para tensionar a versão oficial do Estado e da Igreja sobre o massacre do Caldeirão ao longo do século XX. E

assim, busco analisar como a literatura de cordel atuou como um espaço de resistência e preservação dessa memória, contrapondo-se ao esquecimento institucionalizado ao longo das décadas.

Dito, isto, este artigo visa contribuir não só no campo da História, mas também no do Desenvolvimento Sustentável, Estudo de Povos e Territórios, Sociologia, Letras e Literatura, ao passo que todos eles são de suma importância para pensar o Caldeirão. Os campos mais voltados as letras, é relevante aqui pelo fato de existirem diálogos que reivindicam o lugar do cordel como gênero literário.

Formação do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e Contexto Histórico

O Caldeirão foi um sítio campesino feito e liderado pelo beato José Lourenço Gomes da Silva, um paraibano que em busca dos seus pais foi para Juazeiro do Norte, uma vila que pertencia a cidade de Crato, onde ele fez o sítio Baixa Dantas (1894-1926), menor que o Caldeirão, mas que também acolhia pessoas que precisavam morar e viver ali. Perseguido por autoridades locais que falavam Baixa Dantas ser lugar de fanatismo, teve as terras pedidas pelo arrendatário no ano de 1926, sem falar os motivos reais, apenas pedindo as terras. Em 1926, arrendou terras do padre Cícero Romão Batista (1844-1934), onde fez prosperar o sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.

O padre Cícero, que arrendou as terras para o beato é uma figura bem emblemática em sua história porque o padre era seu conselheiro e lhe ajudou nos dois sítios, quando o primeiro foi devolvido para o arrendatário, o padre logo arranhou terras suas, ao lado. Lembrando que padre Cícero era uma figura forte no coronelismo da região e na religiosidade, visto por muitos como “santo”, chamado de “padrinho”, “padim” e respeitado ao máximo. Juazeiro do Norte passou de vila de Crato para cidade e foi se mostrando mais prospera.

A chegada de muitos migrantes em Juazeiro do Norte na época do Caldeirão e algumas décadas antes era principalmente em virtude da presença do padre Cícero e do que ficou conhecido como “milagre da hóstia⁴”. Em um contexto mais amplo, as migrações se intensificaram bastante

⁴Em 01 de março de 1889, em comunhão oficiada pelo Padre Cícero, teria sucedido de a hóstia, recebida pela beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, mulher negra, nascida no povoado de Tabuleiro Grande,

nesses períodos. Desse modo, uma massa de despossuídos começou a vagar pelos sertões em busca de ajuda. Conforme Yeda Linhares e Francisco Teixeira:

As secas também promoveram amplos remanejamentos populacionais, com forte impacto sobre o latifúndio. Ao longo das grandes secas do fim do século XX cerca de 120 mil cearenses procuraram abandonar o seu estado: só 55 mil conseguem, enquanto muitos milhares – algo em torno de 57 mil pessoas – morreram nas estradas ou abandonados nos subúrbios de Fortaleza. Até 1900 outros trezentos mil se dirigiram para a Amazônia, então vivendo a expansão do extrativismo de borracha, e neste mesmo ano cerca de quarenta mil pessoas, em sua maioria homens, abandonaram o Ceará. São vaqueiros, moradores, arrendatários e pequenos camponeses, todos acossados pela fome, impossibilitados de ter acesso aos últimos olhos d'água. Na seca de 1915, imortalizada na literatura brasileira, outros milhares fizeram-se à estrada e, aí, a maioria morreria. Outros tantos, cerca de 40 mil, saem pelo porto de Fortaleza; 8.500 dirigem-se para a miragem do sul, enquanto 30 mil voltam-se para as terras sempre verdes da Amazônia (Linhares, Teixeira, 1990, p. 82).

A esse período de intensa estiagem, seguiram-se outros, tais como aqueles acontecidos entre os anos de 1919-1926 e de 1931-32. Esta última foi a seca que mais insuflou o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto de pessoas. Conforme Maria Yeda Linhares e Francisco Texeira:

Contra a fome e a miséria a massa de sertanejos, matutos, caipiras ou tabaréus – em suma, o campesinato brasileiro – tendia a reagir sob duas formas: “com a formação de grupos cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas cidades e vilas” ou com “a formação de seitas de místicos – os fanáticos – em torno de um beato ou conselheiro, para implorar dádivas aos céus e remir os pecados, que seriam as causas de sua desgraça. O imaginário popular, camponês, preenche-se de expressões e crenças numa libertação futura, num reino de prosperidade e paz, trazido por profetas e santos, que muitas vezes lutam e revoltam-se contra o latifúndio (como no Contestado, em 1912-1916, ou em Canudos, a partir de 1896-1897, como veremos mais à frente) ou, outras vezes, domesticam a revolta, adocicam a exploração e unem-se ao latifúndio como o Padre Cícero Romão Batista no mesmo Ceará (Linhares, Texeira, 1990, p. 83).

Foi nesse contexto que o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto se gestou no Sul do Estado do Ceará e, com poucos anos se tornou um lugar muito bem organizado, próspero, autossustentável. Conforme Francisco Régis Lopes, no Caldeirão (2011, p. 64-5):

pertencente à época ao Crato, verter-se em sangue. O fato teria sido reiterado outras vezes, tendo sido divulgado por um jornalista local como milagre. Segundo Raph Della Cava (2014, p. 87), a imprensa da época “agitou profundamente a hierarquia católica do Brasil e levou, por acaso, a um cisma em potencial dentro das fileiras do catolicismo do Nordeste”. De um lado, difundia-se o milagre, de outro potencializava-se uma crítica.

A produção era dividida. Isso, obviamente, era uma das motivações para o trabalho, pois quem estava na labuta percebia que a coisa estava dando certo. O dinheiro não circulava, porque existiam os armazéns, onde os produtos eram guardados e distribuídos de acordo com a necessidade de cada um. Em síntese, viviam para o trabalho e orações. Faziam procissões, novenas, ladainhas; os dias santos e domingo eram respeitados, ninguém trabalhava. A religião motivava o trabalho e inspirava uma vida de solidariedade. O mundo era visto pelas lentes do religioso. Era da relação dialética entre o trabalho diário e o sentimento religioso que surgia uma comunidade organizada para a produção. E produzia. O que antes era mato tornou-se plantação.

O temor de que o Caldeirão se tornasse uma nova Belo monte (Canudos), somado ao desconforto gerado pela perda de mão de obra barata, bem como receio nacional diante da figura do comunismo, conduziu as elites locais ao engendramento de um processo persecutório. A pedra angular desse processo foi a disseminação de difamações, na intenção deliberada de comprometer, do ponto de vista moral e político, as práticas da comunidade. Conforme (Meneses; Pinho; 2017, p. 03):

Essa forma de organização atraiu trabalhadores oriundos dos latifúndios, que antes dispunham de mão de obra a preços irrisórios, chamando a atenção dos mandatários e latifundiários locais. Isso os deixou desconfiados e em permanente estado de alerta contra qualquer indício que pudesse representar a formação de uma organização nos moldes do comunismo.

Se pensar em contexto nacional, colocar o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto como lugar de comunismo, o introduz no espectro do que deve ser perseguido e destruído. Na época da destruição do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto o presidente do Brasil era Getúlio Vargas, ferrenho contra o comunismo e era a favor do uso da força para sua destruição. Desse modo, de um lado, o estado iniciava a acusação de comunismo; de outro, setores da Igreja, atentos ao movimento de romanização, caracterizaram o sítio Caldeirão como antro do fanatismo. Conforme Facó (2009, p. 52):

O Beato Lourenço, do Caldeirão, antes de ser atacado pelas forças repressivas, era objeto de denúncia por parte do Clero do Cariri às autoridades civis e militares. A Igreja Católica desempenha, assim, o papel de polícia ideológica no meio rural, antecipando-se às forças repressivas. Deve ser esse o primeiro abalo que sofrem os crentes ou fanáticos, depois de adotarem sua atitude de protesto inconsciente, até então passivo, contra a ordem de coisas existente. E deve ser também o ponto de partida, a fase de transição, da atitude passiva. O momento da consciência de uma posição de revolta.

O processo persecutório radicalizou-se no ano de 1936, quando forças do governo, fazendo uso da violência, massacraram a população do Caldeirão. Sobrou dessa experiência apenas uma réstia do que foi o sítio. Os remanescentes também se tornaram alvo de perseguição.

Foi a partir dessa perseguição que começaram anos de silenciamento sobre o Caldeirão nos cordéis. As pessoas que moraram lá, em suas entrevistas cedidas décadas depois da destruição deixam claro que por muitos anos esconderam que viveram no sítio, pois o lugar ficou muito mal falado por alguns. A narrativa da imprensa, igreja, estado não serviu só para contribuir na destruição como também na construção de uma memória.

É nesse sentido que repousa a importância de terem autores que falam sobre o sítio e o beato José Lourenço. Existe uma tensão muito clara entre a narrativa dos cordelistas e a imprensa da época. O discurso da imprensa só veio a mudar e ficar favorável ao sítio e ao beato já na década de 1970. A Seguir, uma foto do Beato José Lourenço.

Figura 1: Beato José Lourenço



Fonte: www.ensinarhistória.com

O cordel como jornalismo em verso

O cordel é apresentado nesta pesquisa como literatura e jornalismo, duas classificações que geram debate. Enquanto alguns o definem como literatura, outros o veem como jornalismo, e outros apenas como poesia e outros como os dois.

Neste trabalho, como já mencionado, o cordel é visto como literatura pela sua forma, e como jornalismo pelo seu conteúdo. Portanto, o cordel é um jornalismo em verso. Desse modo, o

papel do poeta-jornalista é levar informações para a sociedade. É a partir da métrica, das palavras rimadas e muitas vezes irônicas, que informações e denúncias são feitas.

Sua origem, para alguns pesquisadores remonta à vinda dos portugueses para o Brasil, ainda no período da colonização, para outros nasceu no sertão do Nordeste brasileiro, mas essa é discussão para um outro trabalho. O fato é que para quem acha que veio de fora a visão é de que ao chegar no Brasil o gênero ganhou novas formas, principalmente nos sertões brasileiros, onde se fortaleceu e se desenvolveu. De uma forma ou de outra, a realidade é que o cordel na época estudada tinha muita força de circulação e recepção, principalmente no Cariri cearense, onde tinha a maior tipografia da região.

As vendas eram realizadas em feiras, onde esses poetas iam para comercializar a sua produção. Grande parte do material escrito ficava exposto em barbantes (daí o nome “cordel”) e, muitas vezes, no chão, sobre panos. O cordel ia diretamente da mão de quem escrevia para as mãos de quem ia ler. Acontecia também de ser vendido por pessoas que tinham como profissão comprar cordéis e viajar para vendê-los.

No começo do século XX, época do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, existia nas proximidades da cidade do Crato, em Juazeiro do Norte, uma tipografia pertencente ao migrante alagoano José Bernardo da Silva, que também era poeta e escreveu sobre o sítio ainda no período em que ele existia. A Tipografia São Francisco era responsável por fazer a tiragem de milhares de cordéis por dia, e a circulação era intensa.

Ao passo que tinha um papel de informar e denunciar, o cordel trazia também histórias divertidas e causos do dia a dia. O fato é que, se pensarmos em termos de jornalismo, o cordel pode ser compreendido como um contraponto (ou “contra-ataque”): de um lado, uma imprensa de jornais, na maioria das vezes atrelada a classes dominantes e seus ideais, e do outro, os cordéis. Essa oposição nem sempre é pensada, mas, em muitos casos, é intencional.

Em relação às métricas, como disse o poeta Abraão Batista: “cada poeta tem seu canto”, é igual a um pássaro, o sabiá tem o seu, assim como os outros”. No entanto, quando a métrica é escolhida, ela é seguida até o fim. Se analisarmos com atenção, nesse sentido, os poetas e o cordel devem entrar no contexto de literatura, assim como o romance, a prosa e a poesia.

“História do beato José Lourenço e do boa Mansinho”

Esse foi o primeiro cordel escrito depois de décadas de silenciamento sobre o sítio Caldeirão. Foram anos de perseguição que fizeram com que os poetas também silenciassem. Nas décadas finais de 1960 o poeta Abrão Batista inaugura o retorno da temática do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto no cordel. O poeta começa falando que a história do dia é sobre o beato José Lourenço, o qual ele diz ter sido dotado de um espírito forte, remetendo a luta, persistência e resiliência.

O poeta faz como uma espécie de reverência ao falar que para contar a história fica de pé, ou seja, da sua palavra no que está falando. Afinal, para um cordel ser produzido existe estudo, pesquisa. Logo abaixo, segue um trecho do cordel(1990, p. 1):

A história de hoje
É do beato José Lourenço
Um espírito muito forte
Me alevanto e puxo o lenço
Grito aos anjos das alturas
Paro e ando, corro e penso.

Quem não conheceu o beato
diz ele ter sido ruim
porém quem o conheceu
disse também para mim
que José Lourenço foi homem
de uma bondade sem fim.

Ele até menciona que existe quem fale ruim, mas diz que isso é por falta de conhecimento. Como sabemos, existiram narrativas sobre a comunidade que eram pejorativas, como nos jornais *O Povo*, *O Nordeste* e *O Estado*, que ficavam na capital Fortaleza, mas noticiando sobre o Caldeirão, o beato e o sítio. Sobre o Beato José Lourenço, Abraão Batista disse (1990, p. 2):

Ele era forte e sadio
De uma alma carismática
Com coração bom e sombrio
De pulsos de matemática
Sabia muito a ciência
Que não ensina a gramática.

Como se pode observar o poeta Abraão Batista coloca o beato como um homem de pulso, um sábio e faz menção ao fato do Beato José Lourenço não saber ler nem escrever. A informação é tida como verdadeira pelos pesquisadores (as) e pouco discutida já que é um consenso entre os pares. Depois disso, ele fala sobre a ida de José Lorencço para Juazeiro, mas não menciona

que ele foi em busca dos pais, como outros autores afirmam e a historiografia aponta.

Sobre a motivação da ida de José Lourenço para Juazeiro do Norte, o poeta fala em redenção. Não que ele não soubesse sobre a relação da ida dele em busca dos pais, mas apenas tocou no assunto. (1990, p. 2):

Ele veio pro Juazeiro
Atrás de redenção
E aqui como romeiro
Do Padre Cícero Romão
Ajoelhou-se e contrito
Pedi-lhe a sua benção.

Sobre o lugar de nascimento de José Lourenço, Abraão Batista diz ter sido em Pernambuco, o que difere da maioria das pesquisadoras e pesquisadores sobre o tema, que dizem ter sido de Pilões de Dentro, no Estado da Paraíba. Mas é certo que no próprio testemunho do beato José Lourenço não tem. Desse modo, é pertinente esta parte do cordel por fazer refletir sobre essa forma heterogênea acerca da seu lugar de origem, é bom problematizar sobre. A seguir tem um trecho do cordel (1990, p. 1)

José Lourenço nasceu
No município de Serraria
Pertencente ao pernambuco
Que a ciência irradia
Poi vou contar a história
Que sempre pretendia.

Na sequência o poeta foca em falar sobre o encontro de José Lourenço com o Padre Cícero e o que ele teria dito para ele no primeiro instante em que o viu. Lembrando que padre Cícero era o dono das terras do Calderão dos jesuítas e cedeu elas para que Beato José Lourenço fizesse o Sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. (1990, p. 2):

Padre Cícero disse assim:
Há muito que eu o esperava
Você vem pra essa terra
ajudar-me nessa larva
e cuidar do meu povinho
que a ignorância entrava

Esta fala que Abraão Batista diz ser do Padre Cícero é bem presente na memória de pessoas que moram em Juazeiro do Norte e que conheceram um pouco da ligação do Padre Cícero com o Beato José Lourenço. Depois desse encontro, diz no cordel que o beato ficou na mata da serra do Araripe. Um dia ao ir de encontro com o padre Cícero, ele o teria feito uma pergunta (1990,

p. 4):

Eu pergunto, José lourenço
Se alguma cousa ensinou
Aos bichinhos daqueles matos
E se com as pedras falou?
Zé Lourenço disse: Padrinho
São tão mudas quanto estou.

Então meu caro amiguinho
Não o quero dessa meneira
Você vem pros seus irmãos
Ensinar aqui na feira
Vai morar em Baixa Danta
Orientar a cabroeira.

Mas lá naquelas terras
Não dê dinheiro a ninguém
Dê roupa, pão e remédio
Mas dinheiro nem 1 vintém
Ensine ao povo, o trabalho
Que e cousa que nos convém.

Esta parte do cordel é boa para refletir sobre a relação do padre Cícero com o beato José Lourenço. E sobre a vida de trabalho e oração dos moradores e moradoras do Caldeirão. (1990, p. 6):

O seu povo trabalhava
E guardava num só canto
A lei era o rosário
E o sagrado manto
Das benções do Padre Cícero
Que era o seu maior santo.

Dáí para a frente o beato
Com aqueles seguidores
plantavam , colhiam bem
livres de fome e horrores
rezavam para o além
com justos e pecadores

Mas é certo que Abraão Batista não menciona rivalidade entre o padre e o beato. Depois disso o cordel tem várias páginas dedicadas a falar sobre o Boi Mansinho, presente do industrial Delmiro Golveia para Padre Cícero e que ele deu para José Lourenço levar para o sítio Baixa Dantas e cuidar. Assim diz no cordel a *História do beato José Lourenço e do boi Mansinho* (1990, pp. 7-8):

Até o mijo do boi
Gente chegou a beber
Porque sofria de mal
Do que iria morrer
– remédio de pobre é mato
E médico estou pra ver.

Em relação ao boi Mansinho, os discursos são controversos e em muita vezes distoia do de Abirão Batista, uns dizem que lá bebiam o mijo, outros dizem que não. O fato é que por causa do Boi Mansinho, Floro Bartolomeu mandou prender o beato na cadeia pública de Crato, durante 18 dias e mandou matar e esquartejar o boi em praça pública dando todos os seus pedaços. Por causa das perseguições sofridas, o dono das terras de Baixa Danta pediu-as de volta em curto espaço de tempo. Desse modo, José Lourenço foi para Caldeirão. E foi justamente esse o tempo que o beato José Lourenço passou no sítio Caldeirão.

A próxima parte do cordel foi dedicada a falar sobre a morte do padre Cícero, um braço forte do Beato José Lourenço em relação a proteção do sítio. Assim disse Abraão Batista (1990, p. 18):

Isso foi em trinta e seis
Dois anos depois da morte
Do Padre Cícero Romão
Que expulsaram os sem sorte
Das terras do Caldeirão
Para morar mais no Norte.

Quando lá apareceu
Todo armado, um batalhão
Uma moça do Piauí
Morreu logo de sugestão
E o beato e o povo
Saiu sem dizer não.

Abraão Batista vai falando no cordel sobre a morte do Padre Cícero e coloca nos Salesianos parte da responsabilidade acerca da destruição da comunidade do Caldeirão. Essa parte acho de grande contribuição para a historiografia. Assim diz (1990, P. 19):

A polícia embalada
Que era um batalhão
Tocou fogo nos casebres
E nas roças de algodão
Saqueou os possuídos
E chamou-o de ladrão.

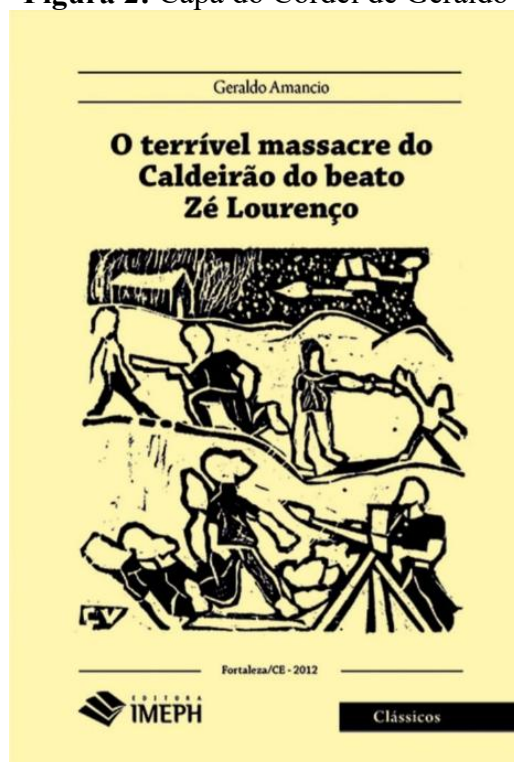
Os soldados assim diziam
Que estavam preparados
Pra brigarem 5 dias
E ficarem revoltados
Por não encontrar resistência
Dos “beatos desgraçados”.

Uma outra coisa a se perceber nesse cordel é que ele foi publicado em período de ditadura civil-militar e em que a memória do Caldeirão ainda trazia embrulho para o estado e para a Igreja Católica.

“O terrível massacre do Caldeirão do beato Zé Lourenço”

O segundo cordel a ser analisado é o do poeta Geraldo Amancio. O que tinha mudado na narrativa 20 anos depois? O que foi percebido foi que o Caldeirão continuou a ser visto pelos poetas/cordelistas como um lugar de exemplo e que deixou legado. O cordel do poeta Geraldo Amancio teve sua composição dos versos em maio de 2000 e é editado pela Coleção Centenário – Cordéis Clássicos. Esta edição é do ano de 2012. Logo a seguir, pode-se observar a capa do cordel:

Figura 2: Capa do Cordel de Geraldo



Fonte: blogOBerro

No cordel Geraldo Amancio reconhece essa literatura/jornalismo como algo que chega nas mãos dos que não tem acesso ao livro. Além disso, deu ênfase ao fato de Juazeiro do Norte e o Caldeirão terem sido vistos como lugares místicos:

Para os que não têm acesso
Ao livro, a história, o fato
Nesse pequeno cordel
Tento fazer um relato
Do mundo místico e tenso
Do beato Zé Lourenço
E o Caldeirão do Beato.

Na estrofe seguinte o poeta fala sobre o contexto da época, da falta de terra, de emprego, de moradia e sobre a massa pobre ser excluída e explorada. Ele fala que antes mesmo do beato no Caldeirão, existiam pessoas vagando pelos sertões por conta da expropriação e da fome, sabe-se que era comum as migrações no Nordeste em virtude de fatores climáticos e sociais. Ele ainda diz nesta parte do cordel, que a fé levou muitas pessoas para Juazeiro do Norte, Ceará:

Nessa pátria dos sem-terra,
Sem emprego e sem morada,
A massa pobre foi sempre
Excluída e explorada
Quando o beato existia
Nesse tempo já havia
A multidão dos sem nada.

Antes que o Caldeirão fosse
Habitado por José
Multidões de miseráveis
Varavam o sertão a pé
Camponeses deserdados
Pra juazeiro levados
Pela fome e pela fé.

Em seguida ele faz uma crítica falando que a Igreja Romana só atendia aos burgueses e que o Padre Cicero era a figura que aparecia como sendo o sacerdote que olhava para as necessidades do povo. Ele diz que Padre Cicero “Fazia o que ninguém fez acolhendo os penitentes”.

Quando a igreja Romana
Só atendia aos burgês
Pelos pobres, padre Cícero
Fazia o que ninguém fez
Acolhendo penitentes
Dando assistência aos carentes
Ouvindo a voz dos sem vez.

Bocas vazias de pão
Almas de esperança cheia
“ó que caminho tão longe
Cheio de pedras e areia
(Diz o povo em rebuliço)
Valei-me meu padim Ciço
E a mão de Deus das Candeias”.

Depois Geraldo Amancio vai falando como se deu a ida do beato José Lourenço para Juazeiro do Norte. Ele ainda se debruça em falar sobre a qualidade das pessoas que chegavam buscando ajuda e morada na vila que tornou-se cidade. O que faz pensar que nas comunidades do Beato José Lourenço chegavam pessoas das mais variadas qualidades:

Cristão de todos os tipos
No Sítio eram acolhidos
Famintos, escoraçados,
Orfãos, damas sem marido,
Romeiros de fé castiça,
Foragidos da justiça,
Jagunços arrependidos.

Padre Cícero ensinava,
Conversão, perdão e paz.
Dizia nos seus sermões
Àqueles pobres mortais
“cada um ouça e perceba
Quem bebeu nunca mais beba
Quem matou não mate mais”.

E eis que aquele rebanho
De toda espécie de gente
Ouvia e obedecia
Rezava e seguia em frente
E plantava no chão duro
A semente do futuro
Na seara do presente.

Na estrofe acima da para perceber como a figura do Padre Cícero era forte em relação a converter pessoas. Depois o poeta disse:

Em quatroze Zé Lourenço
Sofreu um golpe pesado
A sedição de Juazeiro
Acelerou todo o Estado
No meio da guerra santa
Foi o Sítio Baixa Danta
Invadido e saqueado.

Coronel Franco Rabelo
Fez o vale estremecer
Lutas sangrentas e mortes

O Cariri pode ver
Com Floro Bartolomeu
O Juazeiro venceu
E franco saiu do poder.

A Sedição de Juazeiro foi uma guerra entre o Governador do Ceará o Sr. Franco Rabelo contra o coronelismo que o Padre Cícero exercia. A guerra contou com grandes tropas vindas da capital, mas também com revide do grupo de romeiros do Padre. Na época José Lourenço não participou da Sedição de Juazeiro, mas teve seu Sítio Baixa Dantas parcialmente destruído.

Com o Beato Zé lourenço
Outro drama aconteceu
Querendo o sítio de volta
O seu dono apareceu
Zé para não ter conflito
Devolve a Zé de Brito
O proprietário seu.

Aí chega o Padre Cícero
Que sempre pensava certo
Lhe disse: — Pra trabalhar
Eu tenho um sítio aqui perto
Você e os seus irmão
Para o sítio Caldeirão
Da Santa Cruz do Deserto.

Esta parte acima é sobre o Sr. João de Brito, dono das terras de Baixa Dantas, onde foi o primeiro sítio liderado pelo Beato José Lourenço e que foi pedido de volta em curto espaço de tempo, sem explicar de forma coerente e com pouco ressarcimento pelos 30 anos de trabalho nas terras. Conforme o poeta Geraldo Amancio, para não criar confusão José Lourenço teria ido para o Sítio Caldeirão onde se reconstruiu com seu povo e recebeu mais:

Chegou, cultivou a terra,
Irigou tudo em redor
Ali tudo era de todos
Tinha do bom ao melhor
Que coisa extraordinária!
Era uma reforma agrária
Feita com fé e suor.

Os versos acima são bem interessantes porque falam não só que eles cultivavam a terra, mas que ali “era uma reforma agrária feita com fé e suor”. Geraldo Amancio diz que o Caldeirão foi extraordinário e que lá “tudo era de todos” e tinha “do bom ao melhor”. Depois disto, o poeta continua falando como era o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e os infortúnios que a comunidade acabou por causar em pessoas poderosas, no caso a Igreja Católica, em especial a

Diocese de Crato, e políticos donos de terras:

O pretexto era dizer
Que no Cadeirão
Haviam comunistas infiltrados
Em perfeita confraria
Comandantes de intentona
Comandando aquela zona
De onde a guerra explodiria.

Ao analisar os cordéis sobre o Caldeirão, o que dá para perceber é que no geral os cordelista falam sobre ter sido o *comunismo* a palavra de agravo:

É bom deixar registrado
Nas páginas desse cordel
Que isso foi no governo
De Meneses Pimentel
Junto com Cordeiro Neto
Foi responsável direto
Desse massacre cruel.

Nos versos acima, Geraldo Amancio se debruça a falar da importância de registrar em cordel o nome de quem foi responsável pela destruição. Foi no Governo de Meneses Pimentel que a comunidade foi destruída, tendo como um dos agozes o capitão Cordeiro Neto. Depois, nas estrofes abaixo o poeta fala sobre nomes de pessoas que também se dedicaram a não deixar a história do Caldeirão no silenciamento.

Rosemberg e Chico Sá
Com filme e com documento
Oswald Barraso e outros
Escritores de talento
Numa importante missão
Vem tirando o Caldeirão
Da vala do Esquecimento.

Por ser poeta vali-me
Da cultura popular
Foi a melhor maneira
Que encontrei pra narrar
Essa tragédia brutal
Que o poder oficial
Fez questão de não contar.

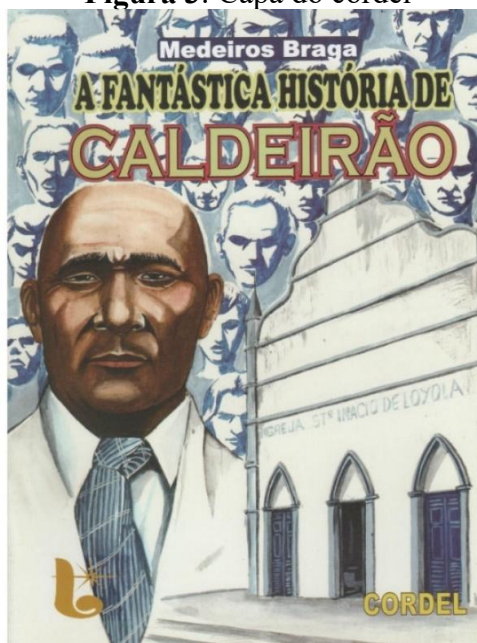
Lembrando que no ano de 2000, quando da publicação do cordel do poeta Geraldo Amancio, o que estava em curso sobre o Caldeirão já era um processo em que campoenses e camponesas do Cariri Cearense compreendiam aquelas terras como lugar de memória e herança. O campesinato continuando o seu curso no Cariri cearense e se apresentado de outras formas.

Como ele não fala sobre a ocupação em terras do Caldeirão em 1991 liderada pelo Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, creio que ele tenha escrito antes do episódio que resultou no primeiro assentamento do Sul do Estado do Ceará, isso em terras que o governo cedeu ao lado do Caldeirão.

“A fantástica história de Caldeirão”

Outro cordel escolhido é do poeta Medeiros Braga, datado de 2014. Medeiros Braga escolheu uma capa em que o Beato José Lourenço aparece com um terno. Nela tem o Beato José Lourenço, a capela e muitas pessoas com feição desagradada, olhando de longe, chateados com a presença do Beato José Lourenço e do Sítio Caldeirão:

Figura 3: Capa do cordel



Fonte: acervo da autora

No trecho a seguir, Medeiros Braga começa o cordel dizendo que vai contar algo grandioso, digno de ser lembrado (2014, p.1):

Abro as cortinas do verso
Para um feito de bravura,
Uma lição de heroísmo,
De organização à altura,
Que fez tremer das elites
A carcomida estrutura

Mas, também, faço questão
Nessa temática incrível,
De mostrar para o leitor,
Esperançoso e sensível,
Que do exemplo deixado
Um mundo justo é possível.

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, liderado pelo beato José Lourenço mostrou que mesmo em período de grandes estiagens é possível cuidar do povo, afastar a fome e a exploração. O Caldeirão é um exemplo de comunidade, uma irmandade que tinha como base a união, o trabalho e cuidado com o espírito. Na estrofe abaixo Medeiros Braga fala sobre a chegada de José Lourenço a Juazeiro do Norte. É interessante ver que o poeta fala em Juazeiro como uma “Canaã” (2014, p. 5):

Lá pelos idos de mil
Oitocentos e noventa
Chegou ele a Juazeiro,
A “Canaã” opulenta
A “terra da promessa”
Que aflitos acalanta.

O verso a seguir fala sobre sua relação de confiança com o Padre Cícero e sua ida para Baixa Dantas, onde ele desenvolveu e administrou a comunidade por 32 anos (2014, p. 6):

Estando a li na cidade
Onde prestava serviço,
Muito esperto, prestativo,
Mesmo sem qualquer feitiço,
Do “Padim Cíço” teria
O seu apoio maciço.

Passando assim, vários anos
A confiança ganhou,
Por atos religiosos
Em beato se tornou.
E aos olhos dos fiéis
Boa impressão deixou.

Com apoio do vigário
Numa missão dita santa,
Arrendou ele uma terra,
Chamada de Baixa Danta,
Onde com alguns romeiros,
Um paraíso ali planta.

Esta parte acima mostra que José Lourenço através do trabalho foi ganhando a confiança do Padre Cícero e dos romeiros ao ponto de arrendar e ir gerir Baixa Dantas. Outra coisa peculiar

é que Medeiros Braga fala que lá eles construíram um Paraíso na terra. Depois o poeta falou sobre o Boi Mansinho.

Posterior a isso ele fala sobre a relação da imprensa com o Caldeirão como algo que através do discurso trouxe para a comunidade um efeito material destrutivo, em função de terem construído uma narrativa que colocava o beato e os moradores e moradoras do sítio como perigosos. (2014, p.9):

Usando o nome adorado
De “Meu Padim, Padim Ciço”,
Delmiro salvou a fábrica
E mesmo sem compromisso
De presente deu um boi
Ao Padre Cícero, com isso.

Entregou o Pacre Cícero
O boi a José Lourenço,
E algo que o animal
Fez, acharam em concenso,
Com provável fanatismo,
Que houve um milagre tenso.

Mas a imprensa marron,
Chegou mesmo a acusar
Padre Cícero e o Floro
No estado a governar,
De hereges, defensores
Pelo bo “santo” apoiar.

Com isso o governador,
Pela igreja acossado,
Mandou prender o beato
E o boi, probe coitado,
Por dizerem que era santo
Foi depois crucificado.

Dezoito dias ficou
Zé Lourenço na prisão,
Se não fora o Padre Cícero
Que lhe dava proteção,
Na masmorra morreria
Sem sonhos de Caldeirão.

Logo após, ele fala sobre a comunidade de Baixa Dantas ter chegado ao fim e os moradores terem seguido para as terras do Caldeirão. Assim disse Medeiros Braga (2014, p. 10):

Foi dianate desse impasse
Que o Padre apareceu,
E para evitar o conflito

Com o dono, amigo seu,
As terras do Caldeirão
A Zé Lourenço cedeu.

Isso foi em vinte e seis,
Do século que se passou,
Todo povo com saudade
De Baixa Danta migrou,
Seu sonho realizável
Por outro trocou.

O nome da nova terra
era agora, “Caldeirão
de Santa Cruz do Deserto”
que, para contradição,
sempre foi boa
pra lavoura e criação.

Na parte seguinte, Medeiros Braga diz que no Caldeirão de Santa Cruz havia um poço com água que se mantinha cheio o ano inteiro. E foi falando sobre o desenvolvimento da comunidade (2014, p. 13):

Plantando cana-de-açúcar
E mandioca à altura
Trataram de construir,
Para ter uma estrutura,
Uma casa de farinha,
Engenho de rapadura.

Todos fizeram primeiros
Casas, igrejas, roçados,
Construíram um cemitério
Já pensando nos finados
Dois armazéns, dois açudes,
Para verões prolongados.

Prepararam com esforço
Um pouco de irrigação
E passaram a produzir
Banana, arroz e feijão,
Macaxeira, jerimun,
Verdura, milho, algodão.

“A fantástica história do Caldeirão” mostra que lá era um lugar com diversidade de alimentos e sobre a construção da igreja. Logo após o poeta fala sobre as perseguições sofridas (2014, p. 16):

A fama de Caldeirão
Na região se espalhou,
O tratamento e fartura
Que tinha o trabalhador,

Despertaram pela área
A ira do explorador.

Dai que seus coronéis,
Na maldade e egoísmo,
Denunciavam o beato,
Que com seu fanatismo
Implantava no Caldeirão
A prática do comunismo.

Ele reforça que o o crescimento da comunidade causou desconforto e que ela foi denunciada diversas vezes. No cordel é presente a informação de que a denúncia girava em torno de chamá-los de praticantes do comunismo. Assim diz Medeiros Braga (2014, p. 19):

As elites dominantes
Urgiram sua união,
Coronéis, igreja, Estado,
Ditaram a maquinação,
De parar o movimento
E destruir o Caldeirão.

Primeiro o plano tratou,
Com seu pior terrorismo,
De pôr na mente do povo
A visão de grande abismo,
Que mostrava o Caldeirão
Com marcas do comunismo.

Nestas estrofes acima é possível ver que Medeiros Braga entende que a destruição do Caldeirão foi um arranjo que teve como cabeça as elites dominantes, ou seja, os coronéis, a Igreja e Estado. E de que o primeiro passo para a destruição foi colocar informações na cabeça das pessoas. Assim diz Medeiros Braga sobre a destruição (1990, p. 21):

Antes a pressão, conivente,
O então governador
Reuniu todo comando,
Militar e repressor,
E enviou sua tropas
Pra a missão no interior.

Partindo de Fortaleza,
Em trinta e seis vai então,
Para o município do Crato,
Um possante batalhão
Pra cumprir o objetivo
De destruir o Caldeirão.

Sobre o dia em que a polícia invadiu o Caldeirão, Medeiro Braga narra violência física, crianças, idosos, mulheres tendo apanhado. Além disso diz o poeta que moças foram violentadas (1990,

p 21):

Bateram em velho e mulher
E em crianaça também,
Violentaram mocinhas
Sem reação de ninguém,
E bateram pra tirar
informações de alguém.

Este trecho acima fala sobre pessoas terem apanhado e sido violadas de outras formas. Desse modo, o cordel vai cumprindo aqui sua função de dar espaço a outras vozes. A seguir diz (2014, p. 22):

Com a ida da polícia
Todo povo retornou,
José Lourenço de novo
Sua gestão comandou,
Com Severino Tavares
Que a ele se somou.

Logo foram retomadas
Todas as atividades,
A produção para a troca
A ser feita nas cidades,
Retornando com produtos
De suas necessidades.

Assustados eis ainda
Uns devotos a vagar,
Outros certos que as tropas
Não iriam retornar,
Procuraram o Caldeirão
Pra de novo morar.

Nesta parte, Medeiros Braga fala sobre o retorno do beato Jos éLourenço para o Caldeirão, mas ele não deixa claro que foi em 1938. O beato voltou tendo apoio da própria Igreja Salesiana, mas a historiografia diz que 1940 as terras foram pedidas de volta. A seguir ele diz (2014, 22):

O retorno à comunidade
Trouxe teima e divisão,
De Zé Lourenço fazendo
Da paz seu firme bastão,
Com severino Tavares
Propenso à confrontação.

Dizem que a reação
De Severino Tavares
Foi porque na invasão,
Feita pelos militares,
Violentou algum deles

Um dos seus familiares

Da imprensa incendiária
A desordem era pregada,
Dizia que o Caldeirão,
Como vingança acirrada.
Iria invadir o Crato,
Deixar a terra arrasada.

Em relação aos boatos de que as pessoas do Caldeirão iriam invadir as casas das pessoas do Crato, é bom levar em consideração que foi bastante difundido pela imprensa jornalística na época, o que causou uma espécie de terror, de medo das pessoas em relação a comunidade. O que pude perceber em pesquisas de campo que fiz é que na memória de muita gente o Caldeirão foi um lugar de *comunistas*, de *promiscuidade*, que representava perigo.

Sobre Severino Tavares não ter aceitado uma saída pacífica, o que tem nos trabalhos historiográficos e sociológicos é de que ele junto de outros moradores do Caldeirão se recusaram a voltar para os seus lugares de origem e fugiram para a Serra do Araripe, o que vem de encontro com o que o poeta afirma.

Na sequência Medeiros Braga fala sobre o governo ter usado a força aérea para ajudar na luta contra o povo do Caldeirão que estava na Serra. É importante perceber abaixo que ele chama o Caldeirão de “santo lugar” (2014, p. 24):

O governador do estado
Trataou logo de apressar
Outro plano para o fim
Daquele santo lugar,
Com apoio aeronáutico
No combate pelo ar.

Depois Medeiros Braga fala sobre o Ministro da Guerra ter declarado apoio as forças policiais do Ceará. Fala também sobre a relação da imprensa com o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. (1990, p. 25):

A imprensa, como sempre
Em servil atenuante,
A favor coloca a pena
Duma elite dominante,
Encobre a verdade e escreve
Só matéria aliante.

Para ter sobras da mesa
Dos banquetes dos poder,
Enaltece opressor

Que não fez pro merecer,
E condena o injustiçado
Pelo mal de não ceder.

Para ela do pequeno
É um mal a rebeldia,
Ao governo prevalecem
Seus atos de covardia,
Mesmo que venha a ser visto
Como de patifaria.

Caldeirão foi a primeira
Comunidade arrasada
Por um bombardeio aéreo,
Desfechando na chapada
Do Araripe deixando
De sangue a terra ensopada.

Esta parte é bem importante porque fica bem evidente na fala de Medeiros Braga que ele também acha que a imprensa formou uma narrativa em desconformidade da realidade (2014, p. 25):

O povo mal informado
Por jornais conservadores,
Terminava acreditando
Nos falsos acusadores
Do beato José Lourenço
E dos leais seguidores.

Ninguém conseguia ver
O jogo sujo, a mentira
Tudo que estava por trás
Daquela funesta lira,
Os interesses escusos
Nos quais o poder se inspira.

Pelo que se pode observar, Medeiros Braga é um dos poetas que mais falou sobre a relação da imprensa com o Caldeirão da Santa Cruz (2014, p. 26):

O beato José Lourenço
Mais uma vez escapou
Aos cercos premeditados
Que o algoz desfechou,
E mal este foi embora
Ao Caldeirão retornou.

Cercado de bons devotos
Começou a organizar
Todo o sítio onde vivia,
A igreja, o campo, o lar

E os meios de produção
Que não puderam acabar.

Tudo ia de vento em popa:
Criação, agricultura,
Mais a casa de farinha,
Engenho de rapadura
Voltando a funcionar
E produzir com fartura.

Porém os Salesianos,
Que da terra eram herdeiros,
Comungando com a cartilha
Dos seus insanos parceiros,
Pediram a terra de volta
E expulsaram os romeiros.

Nestas estrofes é bom perceber que Medeiros Braga fala sobre o Beato José Lourenço como tendo sido “cercado de bons devotos”, de “romeiros”. Por fim, Medeiros Braga aponta para a importância das pessoas roperem com ceticismos e aponta o cordel como um “instrumento de saber”. Ele coloca o cordel como algo que leva informação (2014, p. 31):

Não podemos ficar só
Contemplando o heroísmo
Dos que tombaram lutando
Com seu grande idealismo,
Temos sim que prosseguir
Pra romper o ceticismo.

Espero que o cordel
Instrumento de saber,
Ponha o povo pra pensar,
Refletir, compreender
A luta da humanidade
Para com ela vencer.

Outras narrativas sobre o Caldeirão – imprensa (jornal O Povo)

Foram vários os jornais que escreveram sobre o Caldeirão, o jornal *O Povo*, o qual vão ser analisadas duas matérias aqui, escreveu em média 40 sobre e quase todas foram de maneira pejorativa. Essa imprensa que em alguns períodos publicou de forma diária sobre o sítio do beato José Lourenço, de algum modo, devido o alcance de recepção pode ter servido como aporte ideológico para legitimar sua destruição por parte das elites, igreja e estado que não queriam a existência do Caldeirão. O título já os coloca como fanáticos.

Em uma das edições do jornal, está escrito: “José Lourenço não é nenhum Antônio Conselheiro”. Essa comparação busca associar o Caldeirão a Belo Monte (Canudos), que foi

destruída por forças policiais, e, além disso, inferiorizar o beato José Lourenço em relação a Conselheiro.

Figura 6: Jornal *O Povo*, 02 de março de 1935



Fonte: Hemeroteca digital

O beato Severino Tavares e o beato José Lourenço, são retratado como homens que estavam “desmoralizando no Cariri a profissão de beato.” O próximo Jornal analisado aqui é *O Povo* do dia 30 de setembro de 1936. Nesse período as perseguições ao Caldeirão estavam muito intensas, e o local já provocava pânico em diversas comunidades que não o conheciam diretamente. Na imprensa, como se pode observar, era retratado negativamente.

Jornal *O Povo* em 1969

O Jornal escrito em 1969 demonstra que o Caldeirão era um lugar que prosperou, onde as pessoas ao tomarem conhecimento da sua existência e migrarem para lá, acabavam por se integrar e viver com satisfação em um sentimento rigoroso de trabalho e oração. Há uma parte neste jornal *O Povo* de 1969 que Ademir Távora fala sobre como as pessoas viviam lá. Vejam que a narrativa mydou:

A notícia da prosperidade do “Caldeirão”, lugar onde vivia aquela gente que trabalhava de dia e rezava de noite, espalhou-se pelos municípios vizinhos e de todas essas outras famílias vem pedir morado no arrail funddo pelo Beato José Loureço. E todos eram entendidos, com a condição de sujeitarem-se ao regime vigorante, isto é, de não fugirem do trabalho e oração. (Jornal *O Povo*, 24/04/1969).

Há revistas desse mesmo período que fala sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto como um lugar de memória, patrimônio, lugar que precisa de preservação.

Resultados

A análise demonstrou a existência de um esforço ativo por parte dos cordelistas para manter viva a história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, resgatando a narrativa de resistência camponesa no Nordeste brasileiro.

O poeta Abrão Batista destaca-se como o primeiro a produzir material sobre o Caldeirão após o silenciamento imposto pelas esferas oficiais depois do massacre e destruição. O seu cordel marca, portanto, o retorno das narrativas populares e atua como um marco na reescrita da memória sobre o sítio.

Diferente da cobertura midiática oficial da época – instantânea à destruição e rapidamente silenciada –, o cordel atuou como uma memória de longo prazo e subterrânea. Embora a repressão aos admiradores do Caldeirão fosse intensa e gerasse prisões, a poesia popular assumiu o papel de registro essencial.

O cordel de Geraldo Amâncio, escrito décadas após o de Abrão Batista, segue uma perspectiva similar, consolidando o Caldeirão como um lugar de exemplo e denunciando a injustiça de sua destruição. Em algumas obras, Amâncio aprofunda o enfoque no papel da imprensa no massacre.

Por sua vez, Medeiros Braga adota um discurso igualmente favorável à comunidade. Seu cordel não apenas narra a destruição, mas utiliza ilustrações a lápis que retratam a violência policial e a angústia dos moradores. Esses elementos visuais e poéticos constituem um documento da violência, confrontando as versões oficiais que tentaram desqualificar e silenciar o movimento.

Considerações finais

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto se firmou como um sítio de significado profundo, baseado no trabalho camponês e coletivo. Formado por migrantes de vários estados, a experiência do Caldeirão evidenciou que as chamadas “secas” são, em grande parte, decorrentes da má administração pública e da lógica da exploração socioeconômica, e não apenas de fatores climáticos.

Ao longo desta pesquisa, observou-se que o Sítio Caldeirão se tornou um local de intensa disputa de narrativas. Foi registrado e debatido por múltiplos canais, sendo o cordel o veículo crucial para a preservação de sua memória.

Concluimos que o cordel, enquanto veículo de comunicação popular e um autêntico ‘jornalismo em versos’, deu e continua a dar uma contribuição monumental à memória e história sobre o Caldeirão. A poesia popular garantiu que a narrativa da comunidade, vista como mais um lugar de resistência camponesa ao lado de Canudos e Contestado, não fosse obliterada pelo silêncio imposto. O legado desses poetas contribui ativamente para uma escrita mais plural e completa da História do Brasil, que preserva a voz dos vencidos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. – São Paulo: Cortez. 2011.

ALMEIDA, Maria Isabel Medeiros. **Memória e História: O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto na Narrativa Histórica**. Dissertação (História Social) São Paulo – PUC, 2011.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DELLA CAVA, Ralph. 1985. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos** – gênese e lutas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FREYRE, Gilberto. **O Nordeste** Aspectos da influência da canna sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Editora - Livraria José Olympio – Rio, 1937.

HALL, stuart. **Cultura e representação**. Ed PUC – Rio. Apiculre, 2016.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>
http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21469&catid=318&Itemid=101

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>
http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21469&catid=318&Itemid=101

MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste: Formação social do Nordeste**. Editora Livraria José Olympio – Rio, 1937.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações racias, quilombos e movimentos**. ZAHAR. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.

NOBRE, Edienne S. **Incêndios da alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística do Brasil de oitocentos**. Tese (doutorado) – UFRJ/Instituto de História/Programa de Pós Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A geografia das lutas no campo**. 6º ed. São Paulo. Contexto, 1996.

PERELMAN, Chaim. **Tratado da argumentação: A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAMOS, Régis Lopes. **Caldeirão: estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ NUDOC-UFC, 2011.

SANTOS, Ana Cláudia Veras. **A representação da seca na literatura de cordel sobre o Caldeirão**. Revista Entrelaces, Fortaleza, ano 5, n. 6, p. 105-115, jul./dez. 2015.

SILVA, Lemuel Rodrigues. **O discurso religioso no processo migratório para o Caldeirão do Beato José Lourenço**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.